



# CONTEXTUALIZAÇÃO

UMA TEOLOGIA DO EVANGELHO E CULTURA

NOVA EDIÇÃO

**BRUCE J. NICHOLLS**

  
VIDA NOVA

# SUMÁRIO

1. Fatores culturais e supraculturais na comunicação do evangelho .....	7
2. Padrões no movimento da contextualização para o sincretismo.....	25
3. Compreendendo a teologia bíblica .....	51
4. A dinâmica da comunicação transcultural .....	73

# 1

## FATORES CULTURAIS E SUPRACULTURAIS NA COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO

**U**ma das maiores crises da nossa era é o colapso das comunicações. À medida que o mundo se torna uma comunidade global, pessoas de culturas nitidamente diferentes são forçadas a viver juntas, repartir os mesmos recursos naturais e humanos e criar comunidades culturalmente pluralistas. Isso causa tensões na comunicação transcultural, seja nos guetos deprimentes de Chicago, seja nas comunidades multirraciais que lutam em prol da sua identidade e da justiça em Londres e Birmingham. Isso também se aplica a Nairóbi, Singapura e São Paulo.

As viagens, a educação, a comunicação em massa, o comércio e a política ressaltam tanto oportunidades quanto dificuldades da comunicação transcultural. Para os cristãos que se comprometem a comunicar um evangelho revelado e universal a pessoas em situações culturais em rápida transformação, a tarefa é intensa. A consciência de que os próprios mensageiros são frequentemente produto de mais de uma

cultura acentua as dificuldades. Os missionários nos países em desenvolvimento, por exemplo, precisam entender pelo menos quatro culturas diferentes: a sua própria cultura, a da Bíblia, a do missionário ocidental que foi o primeiro a trazer o evangelho e a do povo para o qual estão levando o evangelho. Avanços rápidos nos campos da antropologia e da sociologia ajudaram a voltar o foco da atenção para fatores culturais da comunicação e a trazer à existência uma avalanche de teologias culturais.

### **SINAIS DE INSENSIBILIDADE CULTURAL**

Com frequência, comunicadores evangélicos subestimam a importância dos fatores culturais na comunicação. Alguns se preocupam tanto com a preservação da pureza do evangelho e das formulações doutrinárias dele decorrentes que se tornam insensíveis aos padrões de pensamento e comportamento culturais das pessoas às quais proclamam o evangelho. Alguns não têm tido consciência de que alguns termos, tais como *Deus*, *pecado*, *encarnação*, *salvação* e *céu*, provocam impressões na mente do ouvinte diferentes daquelas que produzem na mente do mensageiro.

Até mesmo aqueles ouvintes que tiveram longo contato com missionários cristãos ou com cristãos de seu próprio país podem continuar a dar uma interpretação totalmente diferente ao evangelho. Por exemplo, Mahatma Gandhi era um hindu bastante familiarizado com missionários cristãos e com extenso conhecimento da fé e prática cristãs. Folheeí pessoalmente a Bíblia dele certa vez e notei quão cuidadosamente ele sublinhara versículos da passagem do Sermão do Monte (Mt 5—7). Mesmo assim, ele foi capaz de escrever: “Não consegui ver qualquer diferença entre o Sermão do Monte e o Bhagavad Gita. O que o Sermão descreve de maneira gráfica, o Bhagavad Gita reduz a uma fórmula científica... Hoje,

supondo-se que eu fosse privado do Gita e me esquecesse de todo o seu conteúdo, mas tivesse um exemplar do Sermão, derivaria dele a mesma alegria que derivo do Gita”.<sup>1</sup>

Além disso, alguns cristãos têm demorado a fazer uma reflexão crítica sobre o impacto da própria herança cultural e das experiências pessoais sobre seu modo de entender e interpretar o evangelho. Eles supõem ser possível transmitir o puro evangelho da Bíblia diretamente ao ouvinte sem que o portador dessa mensagem a modifique.<sup>2</sup> Não raro, na Índia, onde organizações missionárias têm seguido uma estrita política de boa vizinhança em termos territoriais, nota-se que há diferenças marcantes na vida e no testemunho de igrejas em distritos próximos, as quais refletem diferenças nas culturas religiosas das missões fundadoras.

Outro sinal dessa insensibilidade a fatores culturais é o caso comum do pregador que proclama o evangelho praticamente da mesma maneira para todos os tipos de audiência, quer seja ela composta de católicos, hindus, muçulmanos ou marxistas. Com demasiada frequência, o ouvinte é tratado como se fosse uma *tabula rasa*, e parte-se da suposição de que, porque o evangelho é a Palavra de Deus, “não voltará para mim vazia”.

O fato de quatro culturas estarem geralmente envolvidas na comunicação do evangelho complica-se ainda mais, uma vez que, nos dias de hoje, muitas pessoas são produto de várias culturas — tradicional e moderna, religiosa e secular. Somente

---

<sup>1</sup>Mahatma Gandhi, *Young India*, 22 de dez. de 1917, citado em: *Truth Is God* (M. K. Gandhi: Ahmedabad Navajivan Publishing House, 1995), p. 70.

<sup>2</sup>Esse problema foi discutido com certa profundidade no Congresso de Lausanne, no grupo de estudos “O evangelho, a contextualização e o sincretismo”. Veja o relatório em *Let the Earth Hear His Voice*, ed. J. D. Douglas (Minneapolis: Worldwide Publications, 1975), p. 1224-1228.

nestas duas últimas décadas é que os evangélicos têm levado essa situação a sério.

O movimento conhecido como Crescimento de Igreja, do qual Donald McGavran é o pioneiro, tem, por meio de numerosos estudos de casos, exigido uma nova sensibilidade para fatores culturais que contribuem ou atrapalham o crescimento da igreja e o discipulado das nações. Por que a igreja na Coreia, por exemplo, cresceu praticamente do zero, no começo do século 20, para quinze por cento da população, com mais de 600 mil novas adesões por ano, ao passo que no país vizinho, o Japão, a comunidade cristã total é de aproximadamente um por cento da população? Por que na Índia, por exemplo, mais de sessenta por cento da população da Nagalândia é cristã, ao passo que no Rajastão apenas 0,1 por cento da população é cristã? Reformulando a pergunta: Por que algumas pessoas resistem ao evangelho mais do que outras?

O *Relatório de Willowbank*, oriundo da Consulta sobre o Evangelho e a Cultura, realizada nas Bermudas, em 1978,<sup>3</sup> chamou a atenção para duas barreiras culturais à comunicação eficaz do evangelho. A primeira barreira, segundo declara o documento, é que “Às vezes as pessoas resistem ao Evangelho não por pensar que ele é falso, mas por perceber que é um ameaça à sua cultura, especialmente à base da sua sociedade, e à sua solidariedade nacional e tribal”.<sup>4</sup> O relatório ressalta que, até certo ponto, isso é inevitável, pois Jesus Cristo é tanto um agitador quanto um pacificador que exige lealdade total. Os judeus do primeiro século certamente viam o evangelho

---

<sup>3</sup>Patrocinado pelo Grupo de Educação e Teologia de Lausanne em Willowbank, Bermuda, 6-13 janeiro, 1978.

<sup>4</sup>*The Willowbank Report*: Lausanne Occasional Papers, n. 2 (Wheaton: Lausanne Committee for World Evangelization, 1978), p. 13.

como uma ameaça ao seu judaísmo helenístico. Quanto mais sofisticada é a cultura de hoje, mais provável que semelhante ameaça seja sentida. Ao mesmo tempo, o relatório observa: “Há aspectos de cada cultura que não são incompatíveis com o senhorio de Cristo e que, portanto, não precisam ser confrontados nem descartados, mas, pelo contrário, preservados e transformados”. A capacidade de perceber essa distinção e de aceitar fatores culturais que talvez sejam contrários àqueles que o próprio mensageiro traz consigo varia enormemente de uma agência missionária ou igreja para outra.

A segunda barreira à comunicação do evangelho é que ele é frequentemente apresentado às pessoas por meio de formas culturais estrangeiras. O relatório declara: “Nos casos em que os missionários trazem consigo modos estrangeiros de pensar e de comportar-se, ou atitudes que transmitam superioridade racial, paternalismo ou preocupação com coisas materiais, a comunicação eficaz será obstruída”.<sup>5</sup> Esse empecilho não se limita à primeira pessoa que traz o evangelho, mas frequentemente é perpetuada pela igreja nacional, a qual, por uma questão de insegurança, procura manter o *status quo* e assim perpetua as mesmas barreiras culturais. Quando esses equívocos culturais são cometidos em conjunto, o problema é agravado. A imagem do cristianismo como uma religião estrangeira, ocidental, exclusiva de homens brancos, é hoje um dos obstáculos mais sérios à evangelização eficaz na África e na Ásia. O islamismo na África tem procurado fomentar essa imagem do cristianismo e apresentar sua própria imagem como uma religião dos negros, algo que pertence à África.

O chamado a uma sensibilidade maior na comunicação transcultural é um chamado à paciência em compreender as

---

<sup>5</sup>Ibid.

pessoas; à humildade ao seguir a trilha do discipulado e um chamado a se engajar com amor nas realidades da vida cotidiana das pessoas. É ter a mente de Cristo, que renunciou a sua glória e posição, identificou-se com as pessoas em sua humanidade e foi um servo sofredor até a morte.

## **A CULTURA: UM ENREDO PARA A VIDA**

Na mente de muitas pessoas, a palavra cultura está associada a atividades tais como teatro, música, arte, poesia, literatura; uma pessoa culta é considerada alguém que adquiriu um conhecimento requintado dessas atividades e leva uma vida de sofisticação e boa etiqueta segundo os ideais da sociedade. Essa definição popular é por demais estreita, pois a cultura abrange a totalidade da vida. Nas palavras de Louis Luzbetak: “A cultura é um enredo para a vida. É um plano segundo o qual a sociedade se adapta ao seu ambiente social e ideal”.<sup>6</sup> O termo *cultura* em si é um conceito abstrato. Sempre deve ser concebido como envolvimento na vida. O professor John S. Mbiti, na Assembleia Pan-Africana de Liderança Cristã, em Nairóbi, 1976, forneceu uma definição prática de cultura como “padrão de vida humano em resposta ao ambiente em que o ser humano se encontra”. Tal padrão se expressa sob formas físicas, tais como agricultura, artes, tecnologia; sob a forma de relações entre seres humanos, tais como instituições, leis, costumes; e sob a forma de reflexões sobre a realidade total da vida, tais como linguagem, filosofia, religião, valores espirituais, cosmovisão.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Louis J. Luzbetak, *The Church and Cultures* (South Pasadena: William Carey Library, 1970), p. 61.

<sup>7</sup>John S. Mbiti, “Christianity and African Culture”, *Journal of Theology of South Africa* (setembro de 1977), p. 26.

O comportamento cultural não é algo biologicamente transmitido de uma geração para outra. Cada geração deve aprendê-lo com a geração anterior. É a soma total das atitudes e padrões comportamentais aprendidos por determinada comunidade. O termo *enculturação* é empregado em referência ao processo mediante o qual as pessoas aprendem o estilo de vida da sua sociedade. Esse processo ocorre por meio da instrução direta e consciente dada pelos pais, mestres ou mais idosos. É aprendido pela observação e imitação deliberadas, como quando a criança copia os adultos na vida cotidiana. É aprendido também pela imitação e assimilação inconscientes. Pelo fato de ser adquirida, a cultura está em constante transformação, é relativa. Quando a mudança é mais rápida do que a capacidade de a comunidade adaptar-se a ela, podemos falar propriamente de “choque cultural”.

G. Linwood Barney forneceu um modelo proveitoso acerca da organização desse conhecimento adquirido.<sup>8</sup> Ele sugere que cada cultura é composta de uma série de camadas, entre as quais a mais profunda consiste em ideologia, cosmologia e cosmovisão. Uma segunda camada, estreitamente relacionada e provavelmente derivada desta última, é a dos valores. Dessas duas camadas anteriores deriva-se uma terceira, a camada de instituições como casamento, lei e educação. Essas instituições formam uma ponte para uma quarta, a camada superficial dos artefatos materiais, comportamentos e costumes observáveis. Essa camada superficial é facilmente descrita e ainda mais facilmente alterada. A partir desta, cada camada

---

<sup>8</sup>G. Linwood Barney. Uma edição revista e inédita de “The Supra Culture and the Cultural: Implications for Frontier Missions”, in: *The Gospel and Frontier Peoples*, ed. R. Pierce Beaver (South Pasadena: William Carey Library, 1973).



**C**omo pode um cristão criado em uma metrópole falar do evangelho com clareza a um budista? Todo missionário enfrenta a dificuldade da comunicação transcultural. Segundo o autor, os missionários vindos de países em desenvolvimento enfrentam dificuldades porque precisam entender quatro culturas diferentes: a da Bíblia, a sua própria cultura, a do primeiro missionário que trouxe o evangelho para o local e a do povo para o qual levam o evangelho.

Reconhecendo e procurando uma saída para o problema, Nicholls propõe que o evangelho seja contextualizado, isto é, apresentado em formas que sejam características da cultura para a qual é levado. O desafio é encontrar formas culturais corretas que conservem a mensagem do evangelho tanto clara quanto bíblica. A fim de conseguir isso, o autor lida com complexas questões sociais, teológicas e hermenêuticas e propõe diretrizes para o futuro das missões.

BRUCE J. NICHOLLS fez carreira como missionário na Índia, atuando na área de educação teológica junto ao Union Biblical Seminary e no ministério pastoral junto à Igreja do Norte da Índia. Trabalhou por 18 anos como editor da *Evangelical Review of Theology* e hoje está à frente da série *Asia Bible Commentary*. Também atua como conselheiro sênior para a Associação Teológica da Ásia

